

# REVISTA DE GVIMARÃES



Sociedade Martins Sarmento

# FICHA TÉCNICA

---

**Revista de Guimarães**  
Volumes 124/125, anos 2014, 2015

**Edição e propriedade:**  
Sociedade Martins Sarmento

**Redacção e administração:**  
Rua Paio Galvão  
4814-509 Guimarães  
<http://www.msarmento.org>  
E-mail: [revista@msarmento.org](mailto:revista@msarmento.org)

**Director:**  
Antero Ferreira

**Coordenação do volume:**  
Antero Ferreira

**Composição:**  
S.M.S.

**Capa:**  
Vasco Carneiro

**Revisão:**  
Autores e S.M.S.

**Impressão e acabamento:**  
Gráfica Maiadouro

**Periodicidade:**  
Anual

**Depósito legal n° 42512/90**  
ISSN 0871/0759

**Direitos reservados por:** Sociedade Martins Sarmento  
© Sociedade Martins Sarmento

Os textos publicados neste volume da Revista de Guimarães foram revistos e atualizados no ano de publicação.

# REVISTA DE GVIMARÃES

publicação da sociedade martins sarmento

Volumes 124/125

GUIMARÃES  
2017

## A CASA DOS PEIXOTOS: HISTÓRIA E GENEALOGIA

Sílvia Pinto<sup>1</sup>

A Casa dos Peixotos, chamada frequentemente Casa de Pousada (por se localizar na Quinta com o mesmo nome), está situada na freguesia de S. Pedro Azurém, concelho de Guimarães.

Edificação de meados do século XIII, apesar de ter espessas paredes que denunciam o estilo românico, é referida como uma das primeiras edificações que manifestam características do estilo gótico na zona norte de Portugal (Machado, 1974: 5). Os traços referentes à arquitetura gótica são visíveis em duas das janelas da casa, que se encontram encimadas por arcos quebrados.

A casa pertencera a D. Fernando Afonso de Toledo, filho natural de D. Afonso Henriques (Machado, 1974: 11), mas só na quarta geração surge o apelido “Peixoto”, com Gomes Viegas<sup>2</sup>. Participante na defesa do Castelo de Celorico da Beira, foi o autor de “um estrategema hábil, com um peixe”<sup>3</sup>, que originou o levantamento do cerco feito ao castelo em

---

<sup>1</sup> Sociedade Martins Sarmento, [silvia.24@live.com.pt](mailto:silvia.24@live.com.pt)

<sup>2</sup> Segundo filho de D. Egas Henriques de Portocarreiro e de Dona Teresa Gonçalves Curveira; bisneto de D. Fernando Afonso.

<sup>3</sup> Transcrição dactilografada das páginas 115 e 116 da obra: PEIXOTO, Afrânio – Viagens na minha terra. [s.l.: s.n.], [19--?]. p. 115-116. Sobre o estrategema em questão, sabe-se que o cerco do castelo foi colocado pelo Rei D. Afonso II de Castela em 1246, porque D. Fernando Rodrigues Pacheco (fiel a D. Sancho II) se recusou a ceder-lhe o seu cargo de alcaide-mor. Ao colocar o cerco, o rei pensara que seria apenas uma questão de tempo para ter a posse do mesmo, pois os mantimentos iriam, mais cedo ao mais tarde, acabar. D. Fernando, preocupado em relação à fome que poderiam passar, enquanto pensara numa solução, viu uma águia a sobrevoar o castelo com uma truta que deixara cair no cimo do mesmo. Dado isto, ele mandou alguém ir buscar a truta (“deliciosamente preparada”: Nóbrega, 1973:13) e também o melhor pão e vinho que tivessem. Isto seria oferecido a Afonso II, sendo-lhe dito que existiam mantimentos suficientes e que

questão e também a alcunha que apelidou os seus descendentes. Desta forma, foi amavelmente apelidado pelo Conde de Bolonha (Afonso II) por Peixão ou Peixoto.

No entanto, só duas gerações à frente, a quinta é instituída como um dos vínculos do Morgado dos Peixotos, por Gonçalo Gonçalves Peixoto, que a herdou por via de sua mãe. Gonçalo Gonçalves foi um dos filhos de Gonçalo Gomes Peixoto e D. Ausenda Anes de Guimarães. Com importante presença no que toca à religião, foi “cónego da Sé de Braga e da Colegiada de Guimarães, abade de Telões e de Vila Cova, benfeitor do Convento de S. Domingos de Guimarães, abade de Unhão, raçoeiro dos Mosteiro de S. Gens” (Nóbrega, 1973: 21).

O processo de instituição do Morgado encontra-se no seu testamento, escrito a 28 de maio de 1340, na casa onde morava, localizada na Rua de Santa Maria<sup>4</sup>.

O instituidor da casa teve seis filhos: Gomes Gonçalves Peixoto e Teresa Gonçalves, filhos de Maior Airas, Vasco e Rui Gonçalves Peixoto, de Clara Martins, existe ainda a referência no seu testamento de um filho de Maria Gonçalves, cujo nome é desconhecido, e de outra filha, chamada Duraça Gonçalves, não referindo o nome de sua mãe. No entanto, a vontade de deixar a herança referente ao Morgado para Gomes Gonçalves Peixoto é evidenciada no seu testamento pois afirmou que “(...) como dos outros herdamentos que hj sam e mando que soçesam que a tenha gomez gonçalluez ffilho de moor airas em toda a sua vjda e que elle posa escolher outro que a tenha depôs de sa morte (...)”.

---

este podia fazer durar o cerco os dias que quisesse. O rei de Castela ao ver que todo o seu esforço seria em vão decide levantar o cerco do castelo. Este esquema, como é afirmado no texto, foi da autoria de Gomes Viegas, sendo isto desvendado em meados do século XVII. Esta foi a razão da mudança do brasão dos Peixotos, sendo o atual timbrado por um corvo com peixe de prata no bico. (Nóbrega, 1973: 50-51).

<sup>4</sup> Referência da localização da casa no seu Testamento de Gonçalo Gonçalves Peixoto: “das mjnhas casas de gujmarães em que eu moro na Rua de Santa maria...”. A casa é ainda descrita na Certidão do Tombo do Mor/gado dos Peixotos que foi feito no/ Anno de 1499, transcrita pelo tabelião João Mendes Ribeiro no ano de 1788: “da trabessia com a dita Rua publica de Santa Maria com seu balcão que travessa a dita rua por cima com arco de pedra”. Existem ainda referências que na altura da escritura do documento original a casa em questão teria já sido trocada com Fernão de Sousa; desta forma tudo aponta para que a casa referida no testamento, seja a chamada Casa do Arco.

Segundo Osório da Nóbrega (1973: 22), Gonçalo Gonçalves Peixoto, tinha já falecido em 1308<sup>5</sup>, pois existem referências de que Gomes Gonçalves Peixoto, também clérigo da Colegiada de Guimarães, seria à data senhor da Quinta de Pousada. Uma vez legitimado por D. Dinis no ano de 1292 (Moraes, 2001: 364), foi então o primeiro administrador do vínculo da Pousada.

No testamento do instituidor são também descritas algumas regras de sucessão e uma delas refere-se à possibilidade de filhos de clérigos serem administradores do Morgado, no caso de serem legitimados. É exatamente o que acontece durante o século XIV e início do século XV.

Sucede na posse da casa Gil Gomes Peixoto, Clérigo de Missa, um dos quatro filhos de Gomes Gonçalves Peixoto, legitimado, tal como os seus irmãos, por D. Dinis em 1323 (Moraes, 2001: 365). A posse da casa é transmitida para seu filho, Álvaro Gil Peixoto, Abade de Unhão, que seria administrador da mesma em 1352. A 20 de Dezembro de 1382, este manda efetuar o traslado em pública forma do testamento do Cónego Gonçalo Gonçalves Peixoto, seu bisavô<sup>6</sup>. Desta forma, o documento que se refere à instituição do Morgado será então associado à data anteriormente descrita.

A Álvaro Gil Peixoto sucede na administração da casa seu filho Diogo Álvares Peixoto (legitimado por D. João I a 2 de agosto de 1401), que, por não ter descendência, a transmite a Vasco Gomes Peixoto, um dos filhos do 1º administrador da casa da Pousada.

Em 1409, Vasco Gomes Peixoto transmite a posse da casa a seu filho Gonçalo Vasques Peixoto<sup>7</sup>, que ficou com todos os bens associados ao

---

<sup>5</sup> Segundo o *Mostrador pertencente à Casa de Pousada* escrito por José Filipe de Sousa Carvalho no ano de 1794 (v.4), Gonçalo Gonçalves Peixoto foi sepultado na Capela localizada no Mosteiro de Pombeiro: “instituiu o Morgado de Pxt<sup>os</sup>. com Capellam q[ue] esta ao entrar da porta da Sancrestia do Mosteiro de Pombeiro, e ahi mandou supultar seu Corpo”. Informação retirada do *Mostrador/ do Morgado dos Peixotos/de que Ee cabeça a quinta/ de Pouzada*, [FLJMM-SMS], MM-CP-4.3.

<sup>6</sup> Será então deste ano o manuscrito que se refere ao testamento do instituidor do Morgado dos Peixotos[FLJMM-SMS].

<sup>7</sup> Relativamente a Gonçalo Vasques Peixoto, na nota 22 da página 366 do livro *Velhas Casas de Guimarães* (Vol. I) existe a referência do aparecimento do nome Gonçalo Vasques Peixoto como irmão do Comendador da Faia, no Doc. CCLXXI do *Catálogo dos Pergaminhos existentes no Arquivo da Insigne e Real Colegiada de Guimarães*, escrito por João Gomes de Oliveira Guimarães, Abade de Tagilde. No entanto, no fólio 7 do *Mostra-*

Morgado por morte de sua mãe, Maria Airas (1ª mulher de Vasco Gomes Peixoto). Supõe-se que Gonçalo Vasques Peixoto mudou o seu nome para João Vasques Peixoto, depois de ser maltês<sup>8</sup>, estando-lhe associados os cargos de Comendador da Faia e, segundo o *Mostrador do Morgado dos Peixotos*, de comendador de Viade e de Moura Morta<sup>9</sup>.

Apesar das dúvidas existentes em relação a João Vasques Peixoto, sabe-se que este desiste da posse da casa de Pousada depois de “servir a Deos na guerra contra os Turcos” não possuindo as melhores condições de saúde, pois “(...) jazia em cama doente de dor de gota que avja anos e tempos que sse nom levantava (...)” (Moraes, 2001: 370). Assim, o morgado é transferido para seu irmão Rui Vasques Peixoto, como comprova a *Certidão do Instrom[en]to de Posse, que/ tomou Ruy Vasques Peixoto da quinta/ de Pousada, por desistência que nelle/ fez seu irmão João Vasques Peixoto/ comendador que foi da Faya no Anno/ de 1451*, na qual é afirmado que “(...) Em Resposta ao Requymento que lhe asy ffazya o dito Ruy vassquez sseu Irmao que Elle sabya bem e conhecy a que o dito Gonçalo gonçalvez peyxoto Era byssavo delle Ruy Vasques e que a dita capella e soceussom E todallas cousas que a Ella pertecyam Eram delle dito Ruy vazquez e doutro nenhum (...)”<sup>10</sup>.

Ao receber a posse do Morgado, Rui Vasques Peixoto, escudeiro do Iº Duque de Bragança e Conde de Barcelos, vê-se confrontado por sua irmã Violante Vasques Peixoto e seu cunhado Martim Esteves Barbado, que reclamam os direitos que tinham em relação à posse da quinta e propriedades associadas a esta. Apesar disto, Rui Vasques Peixoto

---

*dor*, refere-se a Gonçalo Vasques Peixoto “sendo administrador do Morgo, o renunciou em seu meio irmão Rui Vas Peixo<sup>10</sup> e se fez maltês mudando de nome para João Vasques Peixoto e foi Comendador de Viade (...)”

<sup>8</sup> Nome associado ao cargo de Cavaleiro da Ordem Militar de Malta.

<sup>9</sup> “Gonçalo Vasques Peixoto chamou-se depois de ser maltês João Vasques Peixoto foi Com. or da Faya...” Nota 30. *Velhas Casas de Guimarães*. p.370. Existe a dúvida se se trata efetivamente de uma mudança de nome ou se terá existido um outro filho com o nome João Vasques Peixoto. Considerando a existência de documentos que confirmam ambas as possibilidades, a opção mais correta será de manter as duas hipóteses em aberto. Desta forma, não se sabe ao certo se Vasco Gomes Peixoto teve três filhos (Gonçalo Vasques Peixoto, que mudou de nome para João Vasques Peixoto, outro com o mesmo nome e Rui Vasques Peixoto) ou apenas dois (Gonçalo, que após ser maltês se tornou João e Rui).

<sup>10</sup> [FL]MM-SMS], MM-CP-2.21.

consegue manter o senhorio, que transmite a Álvaro Vaz Peixoto, filho primogénito, legitimado por D. Afonso V, em 1453, escudeiro fidalgo e participante nas guerras contra Castela (Moraes, 2001: 375-376).

Álvaro teve nove filhos do casamento com Inês de Carvalho. No entanto, no *Mostrador* há apenas referência a sete: Francisco, Álvaro, Vasco, Isabel, Guiomar, Catarina e Lançarote (que faleceu na Índia), faltando assim Jorge e Brites. Após a morte de Álvaro Vaz Peixoto, em 1493, a sua esposa e seus filhos têm contra si Mécia Rodrigues Peixoto e Nuno Peixoto (irmãos de Álvaro), que reclamam sem sucesso o direito de posse de algumas propriedades pertencentes ao Morgado.

Desta forma, o primogénito Francisco Peixoto de Carvalho, formado em Direito na Universidade de Coimbra, cavaleiro-fidalgo, herda o domínio de Pousada<sup>11</sup>. A 25 de abril de 1504, casa com Maria Dias, como mostra a *Certidão da escritura de Dote e Casamento/ de Franc[isco] Peixoto com Maria Diaz/ feitas no Anno de 1504*, trasladada pelo Tabelião João Mendes Ribeiro em 1788<sup>12</sup>. Sabe-se que em 1513, Francisco estivera presente na frota que se destinava à Índia para a conquista de Mazagão. Quando regressa a Pousada espera-o sua mulher e seus quatro filhos: Gonçalo, Inês, Ana e Guiomar. Em setembro de 1557, sentindo-se já sem forças, Francisco Peixoto de Carvalho nomeia seu filho primogénito, Gonçalo Vaz Peixoto, como sucessor do Morgado<sup>13</sup>.

Gonçalo Vaz Peixoto, licenciado e desembargador na Índia, em cujo serviço alcançou o foro de fidalgo, estaria já casado com Madalena de Carvalho, em 1551, quando recebeu a posse da casa<sup>14</sup>. Através da certidão de dote comprova-se que tiveram três filhos: Ambrósio Peixoto de Carvalho, António Peixoto de Carvalho e Francisco Peixoto de Carvalho, que, curiosamente, todos vieram a possuir o Morgado dos Peixotos.

---

<sup>11</sup> CARVALHO, Jozé Filipe de Souza - *Mostrador pertencente à Caza de Pousada*. [Manuscrito]. 1794. 8v.

<sup>12</sup> [FLJMM-SMS], MM-CP-2.2.

<sup>13</sup> In: *S[e]n[te]nça Inibitoria sobre a sucessão/ do Morgado dos Peixotos. Documento sobre a sucessão da posse da Casa da Pousada, para Gonçalo Vaz de Peixoto e seus descendentes*. Manuscrito, [FLJMM-SMS], MM-CP-8.1.

<sup>14</sup> RIBEIRO, João Mendes. *Cert[if]am do dotte do D[out]or Gon[ça]lo/ Vás Peixotto para cazar com Mar/gari[d]a de Carva[lho] digo com Magdalle/na de Carv[alh]o*. [Manuscrito]. 1788. Manuscrito, [FLJMM-SMS], MM-CP-2.4.



Ambrósio Peixoto de Carvalho, nascido em 1554, foi administrador do Morgadio em 1570, após obter a posse de metade da quinta por três vidas (já findas), afirmando “a necessidade da dita ametade da quinta p[ar]a sy e sua may Pede a V.M lhe mande dar a posse da dita ametade...”<sup>15</sup>. Ambrósio parte, na década seguinte, para o Brasil, ao serviço do Rei D. Filipe I, e lá casa com Beatriz de Ataíde de quem teve três filhos. Na regresso para Portugal, a embarcação onde a família seguia juntamente com os seus criados, foi atacada por uma armada de corsários franceses. Apenas sobrevivem Beatriz e o filho primogénito, Fernão Peixoto de Ataíde.

As notícias chegam a Pousada, onde estaria Madalena de Carvalho, que herda de seu neto, Fernão de Ataíde, os serviços do filho falecido. No entanto, abdica da posse do morgado em favor do filho mais novo, Francisco Peixoto de Carvalho, por ausência de António Peixoto de Carvalho, que se encontrava na Índia. Quando António retorna a Portugal, em 1602, na quinta da Pousada encontrava-se o seu irmão, Francisco Peixoto de Carvalho, também senhor do Morgado dos Carvalhos<sup>16</sup>, casado com Catarina de Almeida Malafaia. Este desiste da posse da quinta, entregando-a a seu irmão mais velho António Peixoto de Carvalho<sup>17</sup>, depois deste ter provado ser o filho mais velho e legítimo de Gonçalo e Madalena, mostrando ser merecedor da posse do Morgado dos Peixotos<sup>18</sup>.

<sup>15</sup> *Autos de apresentação de/ petição [?], por donde se mostra, que a metade da quinta de Pousada/ andava empresada e por se/rem findas as três vidas do Praso/, [...] Ambrósio Peixoto de Carvalho posse como admenistrador/ do Morgado dos Peixotos.* [Manuscrito]. 1570 [?]. 5f.32x21cm). Manuscrito, [FLJMM-SMS], MM-CP-7.6.

<sup>16</sup> Morgado instituído por Gonçalo Dias de Carvalho em 1593. Na posse deste sucede-lhe seu sobrinho António Pereira da Silva de Carvalho (irmão de Madalena de Carvalho) e como não teve sucessão, nomeia seu sobrinho Ambrósio Peixoto de Carvalho. Como este era já falecido a posse passa para outro sobrinho seu, Francisco Peixoto de Carvalho. E é aqui que o Morgado dos Carvalhos entra também na posse da família dos Peixotos.

<sup>17</sup> Informação comprovada pelos manuscritos intitutados: *Certidão da escretura de declaração divisao e/ repartição e dezestim[en]to [?] de Posse entre Fran[cis]co Peixoto/ de Carvalho e seu irmão António Peixoto de/Carvalho; sobre o Morgado dos Peixotos.* [Manuscrito]. 1788 e *Certidão da Escretura [...]/ transação e desistimento de Posse/ do Morgado, que fes Fran[cis]co Pei/xoto de Carv[alh]o, a seu irmão/ Antonio Peixoto de Carv[al]ho com/ as condições nella declaradas.* [Manuscrito]. 1789. Manuscrito, [FLJMM-SMS], MM-CP-2.8 e MM-CP-7.24.

<sup>18</sup> In: *Autos de justificação que/ se fez o requerimento de António/ Peixoto de Carvalho,*

Depois deste processo, António regressa à Índia (Taná) onde teve de sua primeira mulher, Catarina de Sousa Meneses, cinco filhos: Maria, Manuel, Gonçalo, Ana e Francisca. Devido a dificuldades financeiras e para assegurar a posse dos bens do Morgado de Pousada, determinou que seus filhos Maria e Manuel Peixoto viessem para Portugal.

Dona Maria Peixoto de Carvalho foi a primeira a embarcar, com o objetivo de tomar posse do Morgado dos Carvalhos que lhe deixara seu tio Francisco Peixoto de Carvalho, com a condição dela casar com seu sobrinho Manuel Pereira da Silva. Uma vez em Portugal, em 1631, provou a sua legitimidade através da *Certidão de justificação, em q[ue] se mostra/ ser D[ona] M[aria] Peixoto de Carvalho f[ilh]a/ Legítima de Ant[oni]o Peixoto de Carvalho/ p[ar]a suceder no Morgado dos Carvalhos*<sup>19</sup>. Esta certidão contém vários documentos, entres eles o *Termo de como da ditta Dona Maria Peixotta/ de Carv[alh]o aseitou o ditto morgado, e como re/geitou a condição de se casar com Manoel pe/reira da silva,(...)* (151v.) por estar casada com Manuel Azevedo Miranda. Entretanto, como ficou viúva em 1631, decide fazer a vontade a seu tio Francisco Peixoto de Carvalho, casando em segundas núpcias com Manuel Pereira da Silva em 1632.

Enquanto Maria Peixoto de Carvalho lutava pela posse do Morgado dos Carvalhos, confirmada mais tarde, pela *Cert[id]am da Escrip[tu]ra de Nom[ea]çam/ do Morg[a]do dos Carva[lh]os escrita em Julho de 1631*<sup>20</sup>, seu irmão, Manuel Peixoto de Carvalho, decide vir para Portugal para lutar pela posse do Morgado dos Peixoto, uma vez que seu irmão primogénito, Gonçalo Peixoto, tinha já falecido e o direito do morgado lhe cabia por “linha masculina”<sup>21</sup>.

Já em Portugal, vê-se obrigado a disputar a posse do morgado com o seu primo Francisco Peixoto de Sá (licenciado) e Pedro

---

*em que se mostra em que elle Ee/ filho legitimo e mais velho/ do Dr. Gonçalo Vaz Peixoto/ dezinbargador que foi da/ Casa da supplicação e de sua/ molher Magdalena de Carvalho. Manuscrito, [FLJMM-SMS], MM-CP-2.18.*

<sup>19</sup> Manuscrito escrito pelo tabelião Bento Freitas em 20 de maio de 1655. [FLJMM-SMS], MM-CP-2.11.

<sup>20</sup> [FLJMM-SMS], MM-CP-3.6.

<sup>21</sup> *Justificação de M[anu]el de Carvalho/ por donde se mostra ser legitimo sucessor/ e possuidor do Morgado dos Peixotos de que/ Ee cabeça a quinta de Pouzada escrito pelo tabelião António Freitas em 1639. [FLJMM-SMS], MM-CP-2.13.*

Machado Maia, que se tinham apropriado indevidamente de algumas propriedades<sup>22</sup>.

Finalmente, através da *Justificação de M[anu]el de Carvalho/ por donde se mostra ser legitimo sucessor/ e possuidor do Morgado dos Peixotos de que/ Ee cabeça a quinta de Pouzada*<sup>23</sup>, redigida pelo tabelião António Freitas, em 1639, é provada a legitimidade dos seus direitos sobre o Morgado.

Manuel Peixoto de Carvalho casou com a sua sobrinha Inês de Miranda Peixoto (filha de Maria Peixoto de Carvalho) ainda na Índia e, segundo o *Mostrador*<sup>24</sup>, foi-lhe atribuído o título de fidalgo de Sua Majestade através do Alvará passado a 19 de abril de 1636. Em 1643, é nomeado capitão da infantaria e eleito vereador da cidade de Guimarães. Deixou como sucessor da casa Gonçalo Gomes Peixoto, casado com Maria Miranda em meados de 1650, de quem teve dois filhos: Brites de Carvalho e Manuel Peixoto de Carvalho, que viria a ser o sucessor da quinta.

Em 1676, morre Gonçalo Gomes Peixoto e Maria Miranda, que vem a falecer em 1704, decide fazer doação das suas propriedades a sua filha Brites de Carvalho<sup>25</sup>, afastando, desta forma, o seu filho Manuel Peixoto de Carvalho da posse do morgado. No entanto, Brites vem a doar a quinta de Pousada a seu irmão, fidalgo de Sua Majestade, pelas muitas obrigações que lhe devia<sup>26</sup>, tendo ficado com outras propriedades vinculadas ao Morgado.

No início do século XVIII é construída uma nova moradia em frente à casa de Pousada, que se torna habitação dos caseiros da quinta.

Em meados de 1700, reside na Casa de Pousada Manuel com sua esposa, Luísa Maria de Abreu e Lima, e seus sete filhos: o primeiro,

---

<sup>22</sup> *Autos de Requerimento/ de Manoel Peixoto de Carvalho p[ar]a efeito de ser no/ teficado Pedro Machado da/Maya, p[ar]a exhibir em juízo/ todas as posses que tomara/ da quinta de Pousada e ou/trás masi propriedades per/tencentas ao Morgado dos Peixotos. Documento escrito em agosto 1633, [FLJMM-SMS], MM-CP-2.15 e manuscrito datado de 1643, [FLJMM-SMS], MM-CP-7.5.*

<sup>23</sup> [FLJMM-SMS], MM-CP-2.13.

<sup>24</sup> Carvalho, José Filipe de Souza - *Mostrador pertencente á Caza de Pousada*. [Manuscrito]. 1794. v.10

<sup>25</sup> Silva, Antonio. *Certidão da escritura de Doação/ que fez D. M[ari]a de Mir[an]da a sua f[ilh]a Dona/ Brites de Carvalho*. (1707). [FLJMM-SMS], MM-CP-2.3.

<sup>26</sup> *Doação q[ue] fes Dona Brites de/ Carvalho em seu irmão Ma[n]oel peixoto de Carvalho da quinta de Sam P[edr]o de azurej com seu [...]*. (1704). [FLJMM-SMS], MM-CP-5.12.

nascido 1 de abril de 1703, de nome Gonçalo, falecido em criança, Gonçalo, nascido em janeiro de 1709<sup>27</sup>, Gregório, Jacinta, Maria Benta, Brites, Francisco e Jerónima, os dois últimos filhos bastardos, legitimados em 1701.

Manuel Peixoto de Carvalho morre em 1731, tornando-se Gonçalo Peixoto de Carvalho senhor do morgado. Do seu casamento com Leonor Maria de Melo Pereira, em 1750, nascem dois filhos: Manuel e Maria Luísa, que se tornará herdeira de Pousada após a morte de seu pai, em 1763, apenas com 10 anos, e porque seu irmão, o legítimo herdeiro, tinha já falecido.

Maria Luísa casou, em 1769, com seu primo José Filipe de Sousa de Carvalho, senhor do Morgado dos Carvalhos (como administrador de sua filha), fidalgo de Sua Majestade, alcaide-mor de Vila-Pouca de Aguiar. Sabe-se, que foi a pedido de José Filipe de Carvalho, entre 1788 e 1790, que foram feitos grande parte dos traslados dos documentos que têm vindo a ser citados, sendo o *Mostrador*, datado de 1794, também de sua autoria.

Em 1783, apenas com 11 anos, sucede na posse do Morgado dos Peixotos, Maria Leonor Mariana de Sousa Peixoto de Carvalho, por herança materna. Vai ser também senhora do Morgado dos Carvalhos, em 1799, por herança de seu pai. Como não teve geração, Maria Leonor, falecida em abril de 1831, deixa todos os seus bens ao seu sobrinho, João Pacheco Pereira de Sousa Peixoto de Carvalho<sup>28</sup>.

João Pacheco Peixoto de Carvalho, capitão do exército do Rei D. Miguel, casa-se com Margarida de Teles da Silva, de quem teve três filhos: João Pacheco Pereira de Sousa Peixoto de Carvalho Abreu e Lima, José e Mariana. Sucede-lhe o seu filho primogénito, João Pacheco Abreu e Lima, que casa, em 1856, com a sua prima, Maria Angelina Pereira da Silva de Sousa Meneses, de cuja realção nasce apenas um filho: João Gonçalo Francisco de Borja Pacheco Pereira de Sousa Peixoto de Carvalho, fidalgo-cavaleiro, moço-didalgo com exército no Paço, bacharel formado em Coimbra e último Morgado dos Peixotos

---

<sup>27</sup> *Mostrador pertencente à Casa da Pousada...* 13v.

<sup>28</sup> Filho de Mariana Rita de Sousa Peixoto de Carvalho, falecida em fevereiro de 1803, e de Pedro Pacheco Pereira Pamplona.

(Moraes, 2001: 454). João Gonçalo, morador no Porto, por dificuldades financeiras, viu-se obrigado a vender a casa<sup>29</sup>.

A Casa de Pousada foi então vendida no dia 7 de julho de 1894 a Domingos José Ribeiro Guimarães, membro do Senado vimaranense e presidente da Associação Comercial. À sua morte a casa passa para sua filha Rita Martins Ribeiro Moura Machado, casada com José Maria Francisco Moura Machado, médico-militar, oriundo de Celorico de Casto, falecido com apenas 61 anos. Desta forma, a casa chega ao Dr. José Maria de Moura Machado, professor de Matemática e Desenho, que foi o autor, junto com sua esposa, Maria Eduarda Soares de Moura de Freitas, do segundo restauro da casa, iniciado em 1959 e terminado no ano seguinte.

No Mostrador pertencente à casa, marca também a sua presença, através de uma última referência, na qual escreveu:

“Termina aqui o Morgadio dos Peixotos: – O Dr. João Gonçalo Francisco de Borja Pacheco Pereira de Sousa Peixoto de Carvalho vendeu todas as suas propriedades em Azurém, na última década do séc. XIX, a Domingos José Ribeiro Guimarães, meu avô materno.

Pousada, 1958

José de Moura Machado<sup>30</sup>.

---

<sup>29</sup> “(...) metera-se numa empresa diabólica, mandando arrasar uma linda capela para construir no mesmo lugar uma casa de tavalagem (...) fora essa -teria sido - a razão de a sua imensa fortuna se ter reduzido, real a real, ao ponto de o moço fidalgo ter ficado na miséria mais negra.” SERGIO, Octávio – A vida de um sonhador: O Doutor Pacheco. *O Primeiro de Janeiro*. Domingo. [20 do corrente]. Esta afirmação é desmentida no artigo em resposta ao anteriormente citado n’ *O Primeiro de Janeiro* de 31/10/1963 escrito pelo Conde Aurora que afirma “quanto á anedota dele ter transformado uma capela para transplantar lá uma casa de tavalagem - nada mais fantasioso”.

<sup>30</sup> *Mostrador...* [manuscrito], fl.16.

**Bibliografia:**

- Guimarães, J.G de O. (1909) Catálogo dos Pergaminhos existentes no Archivo da Insigne Colegiada de Guimarães. Lisboa: Museu Etnológico Português.
- Machado, J. M. (1973). A casa dos Peixotos de S. Pedro de Azurém - Guimarães. Extrato do LXXXIII da Revista de Guimarães, vol. LXXXIII (nº83). 145-164.
- Moraes, M.A. (1990). Velhas Casas XI: a do Arco, na Rua de Santa Maria, em Guimarães. Guimarães.
- Moraes, M. A. P. (2001). Casa de Pousada. In: M.A.P, Velhas Casas de Guimarães. Porto: Centro de Estudos de Genealogia, heráldica e história da família da UMP.
- Nóbrega, V-O da (1973). Peixotos, subsídios para a sua genealogia. Braga: edição do autor.
- Nóbrega, V-O da. (1981). Pedras de Armas e armas tumulares do distrito de Braga. (Vol. VII). Braga: Assembleia distrital de Braga.
- Fundo Documental Dr. José Maria de Moura Machado. Sociedade Martins Sarmento.